Oco – o que fala entre o eu e o tu

Hollow – what speaks between the I and the you

.

Tracy Segal[1]

Resumo

Pela perspectiva multiespécie, animalista, em que o mundo se partilha em coisas animadas, esvaziadas de sentido, a presente obra propõe uma breve peça dramatúrgica seguida de uma análise da própria pelo oco do narrador, em que o "si" é revelado pela interpelação do outro, sendo este último tudo o que circunda.

Palavras-chave: Multiespécie; Oco; Teatro; Simpoiético.

Abstract

From a multispecies, animalistic perspective, in which the world is broken down into animated things, emptied of meaning, a short play followed by analysis of the same by the narrator's hollow, in which the "self" is discovered through the interpellation of the other, the latter being everything that surrounds it.

Keywords: Multispecies; Hollow; Theater; Sympoietic.

[1] Doutoranda e mestra em Artes da Cena da UFRJ, com bacharelado em Estética e Teoria do Teatro pela Unirio, Tracy Segal é escritora, tradutora, jornalista e atriz. Teve formação técnica na escola de Martins Pena e em dança contemporânea na Angel Vianna, com diversos trabalhos em teatro, cinema e TV. E-mail: tracy.segal@gmail.com.

OCO –
O que fala entre o eu e o tu

Peça curta para coisas[2]

Visão meio embaçada… algo oco.

As palavras ...

Sim, o oco de uma... como se chama, mesmo?

Ali! Um papo de tucano.

Curioso como lembro o nome de algo tão inútil.

Papo. Papo furado. Papo fora. De papo para o ar. Muito rico o papo. O papo voa, seu tucano safado.

Morto, só sobrou pena. Do papo.

Que pena.

Hahaha, as piadas infames sobreviveram à hecatombe.

Hecatombe. Outro nome...

...essas ditas, que de nada servem, inúteis e grandiosas, vêm à tona sem esforço.

(...)

Mas o oco me intriga; vejo o oco de tudo, agora que as palavras fogem.

Esse oco diz coisas. Assim, de pronto. Mesmo que a palavra correspondente não acompanhe.

Uma saia vermelha gira sobre rodas pequeninas a olhar para o oco.

Dentro do oco, pedras. De amores, ouvi da voz. Pedras dadas por amores, pedras datadas por amor. Todo amor é um marcador; no caso, essas pedras roladas pelo tempo, amores.

Não há mais rostos, acostumei-me.

[2] Inspirado no capítulo final do livro *Ficar com o problema*, de Donna Haraway, este é um exercício de compostagem em sala de aula. Alimentada pelas aulas da professora Martha Ribeiro, com beberagens de Judith Butler, cozidos de Diana Taylor, Ursula K. Le Guin, entre outros contadores de histórias, flutuando entre os objetos dos colegas, a nave alçou os céus.

Contanto que não doa, que o torno afrouxe esse oco em que antes habitava... aquele órgão que se esqueceu dos nomes das coisas. Nem todas. Só das úteis.
Para quem?

O torno. Volta o aperto.
Vê?
Torno. A volta do torno, torno a voltar. No "en-torno". Ex-torno. Torno a ir. Torno tornado. Inútil.

Traduzir entre mundos.
Vozes de todos os lados, imagens vozes, cores vozes, luzes vozes.

Essa comunicação entre mundos se deu com o gato, primeiro. Seus bigodes retraem, os cheiros dizem algo que a pobre linguagem humana não abarca.
O gato não é inútil, foi nele que vi os mundos. Primeiro.

À medida que os nomes começaram a sumir, fui me alfabetizando em outros mundos, cifras, cheiros. Sob o olhar do gato.

Certo dia, a luz cegante. O silêncio absoluto como o som que os ouvidos caninos alcançam. Paralisei. Foram 30 dias de sono profundo, pequenas porções de água. Meu corpo todo comunicante. Todo estímulo é um comunicado. Sou interpelada pelos poros, espero que passe.
Acabo me acostumando. Os sentidos parecem víboras, seres independentes.

Volto à mesa, um experimento, coisas sem nome, ocas. Dentro da sala branca. Poderia ser um hospital.
As paredes brancas. O fora entra pelo quadrado grande. Hospitais não têm ocos, ao menos não as salas cirúrgicas.

Aqui, tudo parece contaminado, uns aos outros; esses, sim; outros, de si. Ocos parentes se encontram na contaminação e se retraem em outros ocos.

Casca roseada se abre, guarda o odor, rosa, de outros tempos, da ... sereia. Ah, sim, sereia. São os nomes inúteis que emergem e me trazem pra cá. Penso.
Odor rosa, se abre, sente, diz que se espalha em rosa para outros céus. Céu da boca, céu da casa, céu da igreja.

O oco das letras. Escorrem, se juntam e fogem, caem como pintas sobre a planície. Me dizem que fogem com os nomes.
O torno aperta e engole as letras. Sumidouro, hahahaha. Palavra boa. Já me divirto com esse glossário de inutilidades.

Sobre a mesa branca, o oco do gorro caça, uma linha, fio, cordão. Temo me afogar na chuva de sinônimos que agora descambaram sobre meu coco oco.
Os fios parecem letras; se formam em coisas.
Sólido escorregadio, ao ladinho, à esquerda. Vejo de rabo de olho.
Repulsa.
Aperto os sentidos, resisto. Sussurro de gosma. Escorre morno. São sopros.
Gozososssosos.
Diluem em cheiro rosa. Esse não é oco. Não pra mim.
Atrás, ali, um pouco de lata, laranja. Pedaço de algo, junta de papo, papo laranja, muitos papos, de outros tempos.
Elo oco duplo, passando carnes descarnadas. Descarnadas. Descarnadas. Dedeos. Quase. Esses eram meus, dedeos, que se partiram. Somente dois. De queda da própria altura, entregue ao abismo. Ali foi o primeiro oco. Minha altura à frente do abismo, suspensa sempre até que me joguei, da minha altura. O chão chegou antes. E os dedeos – algo estranho com estes desde então – fui salva por dedeos. Dois deles. Será que partidos se multiplicaram?

Assim, a prótese na mesa, a prótese de dedeos – algo não soa bem – mas sigamos.

Posto na mesa é uma clínica. Branca.

Esbaforidos e atrasados, os tomos que anunciavam aquele que morreria. Morreremos todos. Apesar do torno. Agora excruciante.

Letras invadiam o oco alheio, memórias emitidas pela voz do outro.

Acho que começo a retomar alguma fluência nas letras, esses que não têm nome assumem conjuntos de letras que ditam com alguma coerência.

Se não encontro estas que ditam as coisas, elas se redimem apenas em coisas. Fracassam em outra semântica. A semântica se solta da própria altura. Se desconecta de outras coisas ocas, soltas, coisas apenas coisas. Ocos. Vestidos de sentidos, coloridos, sonorizados, cheios de cheiros, dançando ao lusco-fuso. (Aqui me alcança uma voz... de Butler.) Retornam parte da minha organização mental e fluência. Quando sopram essa voz e esse nome, sem rosto, letras estampadas: "meu esforço de resumir a mim mesma fracassa, e fracassa necessariamente";[3] alguns nomes me alcançam nesse raro momento de lucidez nomínica.

> O 'eu' é o momento do fracasso em qualquer esforço narrativo de fazer um relato de si mesmo. Permanece sendo aquilo que não pode ser relatado e, nesse sentido, constitui o fracasso exigido pelo próprio projeto da narração de si. Toda tentativa de fazer um relato de si mesmo está fadada a se deparar com esse fracasso e a tropeçar nele (Butler, 2017, p. 91).

Existo porque me narro. Será?

Existo porque duvido. Será?

Existo? Será.

Pequeno poema infame sobre essa ficção de eu inspirada por essas que aqui nomeei.

Penumbra. É o fim da tarde, início da noite, ou fim da noite, início da manhã, o algoz da luz. Tempo dilatado.

O sol esmorece.

Os verbos voltam todos, porém os "ele"s, e os "eu"s parecem habitar a sombra, essa penumbra. São apenas rastros das coisas.

Já sinto o livre dançar da minha vontade de dizer.

[3] (Butler, 2017, p. 78).

À minha frente, uma mesa branca. A sala com janelas. Isso, Janelas!! Esses quadrados ocos por onde a luz me conta o tempo. O oco do oco, do oco de cada um, delineado por forma, sempre oca. Esse oco vai cegando como uma luz. O tal torno aperta, pronto a estourar, liberando o oco. A forma se estilhaça em outras formas, se multiplica.
Sempre oca.

Plumas do Papo do Tucano

Cumbuca Cuia

Fio de Lã

Vermelho Toca

Letrinhas

Chapinha de Cerveja Cacildis

Isabelita dos patins

3 Barbantes

3 Pedras

Caixas Ocas

Embalagem de Talco

Cheirinho da Vó

Gosma Primordial

Cola Polar

Prótese para Dedos/dedeos

Diários

Parte 2

O que fala, entre o eu e o tu

Isto que narra, em primeira pessoa, descaracterizada de si mesma, é a representação linguística de uma crise encefálica, algo como um torno, que esvazia determinados aspectos da linguagem. Resulta numa ruína, miúda, como uma metonímia, na qual traços de coisas, sons, cheiros e linguagem sobreviveram. O oco ficou presente entre os objetos e dentro deles, um SF ou Figuras de Cordas,[4] espécie de desenhos vazados, porosos e contamináveis, que são recuperados ou reinventados numa compostagem. Qualquer vínculo com gêneros, espécies ou transparências que definam seus interiores é mera fabulação, portanto, transitória.

O oco.

Ou melhor, ceguei os olhos da linguagem de antes, construindo com os cacos da sintaxe que restaram um novo mundo menos admirável, um mundo sensorial do oco. O tanto que a linguagem escrita pudesse acessar. Procurei o gesto que precede a palavra na própria.

É um experimento simpoético.[5] Procuro criar teias e tentáculos para romper a pretensa necessidade de vínculo patriarcal, como diz Donna Haraway: um jogo, uma história, uma fabulação que especula a realidade e a reinventa. Os elementos trazidos à sala de aula, postos às mesas, trazem, acoplados, uma fábula por um aluno/jogador/agente. Ou seria o inverso?

Assim como os objetos, as fabulações de cada se expandem em figuras vazadas e, nessa compostagem, a minha mente, sob fortes ausências, registrou a posteriori em linguagem também vazada; assim pretendo.

Me permito uma pequena digressão ao mencionar essa escrita de Oco.

---

[4] Sigla desenvolvida por Donna Haraway para definir *String Figures, Speculative Fabulation, Science Fiction, Science Fact, Science Fantasy, and Speculative Feminism*, ou seja, Figuras de Corda (feitas com barbantes no jogo Cama de Gato), fabulação especulativa, ficção científica, fato científico, ciência fantástica e feminismo especulativo.

[5] Simpoeisis é um termo usado por Donna Haraway em *Staying with the trouble* no capítulo 3 "Sympoieses – Symbiogenesis and the lively arts of staying with the trouble". Simpoiesis significa 'fazer com", em contraponto ao conceito de autopoiesis em que algo se autogenera; o termo abarca a autopoiesis, porém, amplia para uma função mais complexa, dinâmica, historicamente situada, "uma operação em companhia" (Haraway, 2016, p. 58).

Fui assistida pelo gato amarelado de olhos azuis, Funfun. Assim como Yuri Knórozov, antropólogo, linguista, arqueólogo, egiptólogo, mesoamericanista, etnólogo, etnógrafo, escritor, professor e historiador soviético, original do que hoje é Ucrânia, que declarou em meados do século passado ter sido assistido por sua gata Asya (ou Asta), inclusive tendo pretendido colocar a bichana como coautora da quebra do código Maia. Traços duros como as estátuas do construtivismo soviético, Yuri é sempre retratado com Asya ao colo.

A fábula[6] de Yuri e Asya se passa durante a Guerra Fria. O linguista tentava decifrar o código Maia em seu pequeno apartamento na efervescente Leningrado, Petrogrado ou São Petesburgo. Insone, numa daquelas noites brancas, um miado chama sua atenção para Asya que ensina seu filhote, *Tolsty Kys* (Gordinho Kys), a caçar. Yuri, entre os códigos Maias, as paredes caiadas, o céu branco e a gata siamesa, percebe um sistema de comunicação misto de instruções para os filhotes, uma língua que combina sinais, fonemas, sílabas e gestos. O repertório da caça da gata se repete, em espiral, por infinitas gerações. Os escritos maias, adormecidos da leitura morta, percebidos pelos olhos de Yuri que retornam pelos olhos do filhote Tolsty, que, desde o primeiro tigrinho de Sabre, lê a escrita perpétua de sua mãe. Decifrou o código Maia ao perceber o uso de fonogramas e logogramas, o que revelou um alfabeto logossilábico. A língua desativada retorna à vida pela repetição de Asya. O código não era um arquivo, mas um repertório em performance.[7] Yuri viu com Asya, não apenas viu Asya.[8] Portanto, nada mais justo do que Yuri dividir a autoria com a gata no prefácio do artigo, o que foi editado e eliminado — ainda não havia teorias multiespécies em 1950. É interessante ressaltar que a descoberta da dupla permaneceu restrita ao mundo soviético por duas décadas, pois fora silenciada pelo seu rival, o arqueólogo britânico John Eric Thompson, considerado o especialista dos povos Maia, na época. Neste período, o mundo se dividia em dois blocos autônomos, e, mesmo equivocado, o britânico calou Yuri e Asya.

---

6 O termo fábula é a melhor possível definição para um relato que, longe do binômio mentira e verdade, reconstrói por um exercício simpoético algo vivido.

7 Diana Taylor, em seu livro *O arquivo e o repertório*, em que, na contramão do uso do arquivo na análise histórica, Taylor vê o repertório como uma performance que se repete, como a prática em que o passado se faz presente, e não como o passado isolado para a análise do presente.

8 Donna Haraway aborda a importância de ver com, e não observar, o outro (da mesma ou de outra espécie), rompendo com o paradigma do sujeito e inaugurando uma nova teoria/método do encontro, do pensar junto. No capítulo 7 de *Staying with the problem*, Haraway disserta sobre esse tema a partir, ou melhor, com o pensamento Vinciane Despret.

Assim, escrevo com Funfun, que, ao meu lado, ressona, observa e sussurra um código que intuo, uma escrita-oco – ainda resisto a publicar o seu teclar de letras aleatórias do peso de suas patas. Sem ele, a escrita era outra, será? Sereia. O oco da escrita se dá assim, pelo gato, seus bigodes comunicantes, tentáculos onde vi a escrita em oco, SF.

Por fim, o Oco descreve. DE-escreve. A língua viva despedaçada. DE-escolar a escrita de algo morto, reviver a língua que já respira por máquinas, nas teclas. A escrita como uma SF, vazada, renascida. Retornar a ser bolsa que carrega histórias.

Referências da disciplina

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. Introdução de Juliana Fausto. Posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Martha. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 49 – 72, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41744. Acesso em: 07 mar. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Referências específicas deste texto

ROSAS, Alejandro. Yuri Knórozov: Entre el cirílico y los glifos mayas. **Revista de la Universidad de México**. Disponível em: https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/1f3d2ace-72e4-4724-ad0d-cc947d43c382/yuri-knorozov. Acesso em: 08 jan. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

ZHURAVLEVA, Marina. **The Soviet scholar and his cat who cracked the Maya code**. Palme, online Russian language school. Dísponivel em: https://www.palmeschool.com/usa/blog/who-cracked-the-maya-code/. Acesso em: 08 jan. 2026.

Submetido em: 5 mar. 2026
Aprovado em: 20 jun. 2026